

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2021

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Daphynny Pamplona

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

História: espaços, poder, cultura e sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade 2 / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-621-5
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.215211811>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Espírito Santo, Janaína de Paula do (Organizadora). III. Título.
CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O trabalho de pesquisa em história e ciências humanas busca, de maneira geral avançar, de maneira constante e perene sobre o entendimento das pessoas, suas vidas, aspirações, anseios e comunidades. Ao longo dos anos, a produção de conhecimento na área tem aprofundado seu entendimento das diferentes tramas e possibilidades que movimentam a sociedade, sua formação, desenvolvimento, seus conflitos e crises. Assim, algumas categorias, como o entendimento do espaço como uma unidade explicativa e organizacional da sociedade aparece com mais frequência, na tentativa de entender o impacto que os grupos sociais sofrem na construção espacial de suas identidades.

Da mesma maneira, a noção de poder está bastante presente. A historiografia se estrutura, classicamente, acompanhando as estâncias de poder formais, governantes e reis. Entretanto, hoje podemos observar esse conceito e suas possibilidades de maneira mais complexa, entendendo o poder, também como unidade explicativa, como construção social, em suas diferentes facetas e manifestações.

De fato, é no reconhecimento das pluralidades que mais se tem avançado, ultimamente, pluralidade essa que se revela, tanto na sociedade globalizada, com sua velocidade de produção e circulação de informações quanto às possibilidades da construção do conhecimento. Ao mesmo tempo, ampliam -se consideravelmente as perspectivas de diálogo entre História com diferentes campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte. Estudar a sociedade por essa multiplicidade de olhares que se apresentam para a sociedade nos dias de hoje, em seus espaços de cultura e poder, e em todos os caminhos que se possam avançar na construção dos saberes, é um dos grandes objetivos das ciências humanas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo


SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A ARTE CEMITERIAL: PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL DE BAURU

Jéssica Chabaribery Ferreira

Fábio Paride Pallotta


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118111>

CAPÍTULO 2..... 11

CONSTRUÇÃO DA FEDERAÇÃO DE SINDICATOS DE TRABALHADORES EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS NO BRASIL E A ARTICULAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA ENTIDADE INTERNACIONAL - CONTUA

Rogério Fagundes Marzola


Maria do Socorro Oliveira Marzola

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118112>

CAPÍTULO 3..... 22

ENTRE A HISTÓRIA E A GEOGRAFIA NO SANTUÁRIO DE APARECIDA: NOTAS PARA UMA LEITURA DO ESPAÇO URBANO E DO TURISMO RELIGIOSO

Ana Maria Cardachevski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118113>

CAPÍTULO 4..... 35

JOAQUIM SALDANHA MARINHO E O PROJETO DE BRASIL MODERNO

Renata Ribeiro Francisco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118114>


CAPÍTULO 5..... 46

NAS MÃOS DO TIO SAM: AS CONTINUIDADES E RUPTURAS DA PARTICIPAÇÃO ESTADUNIDENSE NOS GOLPES DE 1964 E 2016 NO BRASIL

Antônio Carlos Cabral de Medeiros

Bianca Gisele Pinheiro do Nascimento

Luiz Alberício de Araújo Neto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118115>

CAPÍTULO 6..... 59

O INDIVIDUAL E O SOCIAL: NELSON DE PAULA NETO E O CORONELISMO

Rodrigo Guimarães Motta


Luciano Antonio Prates Junqueira




 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118116>

CAPÍTULO 7..... 74

PANDEMIA DO CORONAVÍRUS NO CONTEXTO INTERÉTNICO: ENTRE PERMANÊNCIA E RUPTURA DO SISTEMA, VALORES E HUMANIDADE

Tadeu dos Santos Kaingang

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118117>

CAPÍTULO 8	92
REDES SOCIAIS E RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA ENTRE ESCRAVIZADOS E LIVRES NO SUL DA AMÉRICA PORTUGUESA	
Israel Aquino	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118118	
CAPÍTULO 9	105
UM CAPÍTULO NA HISTÓRIA DO DIREITO URBANÍSTICO BRASILEIRO: ALCIDES CRUZ	
Luís Fernando Massonetto	
Guilherme Ricken	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2152118119	
CAPÍTULO 10	116
VOZES D'ÁFRICA: A VOZ DA RESISTÊNCIA DE CASTRO ALVES AO <i>SLAM</i>	
Vitória Maria Sá da Silveira	
Débora Cristina Santos e Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.21521181110	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	129
ÍNDICE REMISSIVO	130

O INDIVIDUAL E O SOCIAL: NELSON DE PAULA NETO E O CORONELISMO

Data de aceite: 01/11/2021

Data de submissão: 06/09/2021

Rodrigo Guimarães Motta

Doutor em Administração pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/5632584195439565>
ORCID: 0000-0002-5331-0294

Luciano Antonio Prates Junqueira

Doutor em Administração da Saúde pela
Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/3186420006807999>
ORCID: 0000-0003-1863-2463

RESUMO: Este artigo apresenta o resultado de uma pesquisa narrativa, realizada principalmente a partir de entrevistas e na qual a vida de Nelson de Paula Neto, figura política de destaque na cidade de Monte Azul, no norte de Minas Gerais, é narrada de maneira a destacar o ambiente político em que se inseria, tendo em vista sobretudo o Coronelismo, tal como definido por Victor Nunes Leal. Essa narrativa descreve como ele se opôs a essa prática política e quais foram os impactos desse confronto entre o indivíduo e os coronéis da região, efeitos esses que afetaram tanto o próprio modelo político do Coronelismo como também a vida de Nelson e as de sua família mais próxima, de sua mulher e de seus filhos. A partir deste estudo, portanto, é possível observar que o Coronelismo, ainda

que decadente, se manteve como uma realidade nos rincões mais distantes do Brasil na segunda metade do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Coronelismo; Monte Azul; pesquisa narrativa.

THE INDIVIDUAL AND THE SOCIAL: NELSON DE PAULA NETO AND THE CORONELISM

ABSTRACT: This article is based on a narrative research, elaborated primarily through interviews, where the life of Nelson de Paula Neto, a relevant political figure of Monte Azul, a city in the north of the state of Minas Gerais, is written in order to show the political environment of the time, mainly the Coronelism, as defined by Victor Nunes Leal. The article presents how he interacted and opposed to it and how the impact of the struggle between the individual and the colonels changed the Coronelism itself and also the lives of Nelson and his family, wife and children. With this study it is possible to verify that the Coronelism, although had been losing political space, played a political role in Brazil in the second half of the twentieth century.

KEYWORDS: Coronelism; Monte Azul; narrative research.

1 | INTRODUÇÃO

Barbosa Lima Sobrinho, ao assinar o prefácio do livro “Coronelismo, enxada e voto – o município e o regime representativo no Brasil”, de Victor Nunes Leal (2012), descreve

as origens dessa prática política que tanto impacto causou na condução dos negócios públicos no Brasil, em especial no século XIX e na primeira metade do século XX. Foi em 1831, com o estabelecimento da Guarda Nacional, que patentes de coronel foram concedidas a lideranças políticas regionais nos municípios do interior do Brasil para que respondessem pela segurança e pela defesa pátria em suas regiões. Com o tempo, essas patentes passaram a ser adquiridas, inclusive, pelos chefetes com o objetivo de adquirirem prestígio político. Mesmo com o fim do Império, a expressão “coronel” continuou sendo utilizada para denominá-los e como forma de tratamento para chamá-los.

Ainda que o Coronelismo tenha sido assim denominado, conforme a origem já descrita, vale ressaltar que essa estrutura do poder, na qual os líderes econômicos e políticos do interior do país tinham papel relevante na condução da causa pública, remete aos primórdios da colonização brasileira, como Gilberto Freyre (2006) apresenta em sua obra “Casa-grande e senzala” ao enfatizar o senhor de engenho nordestino, entre outros autores que relataram a evolução política do Brasil Colônia, passando pelo período imperial e chegando às primeiras décadas republicanas. O fenômeno do Coronelismo, dada a sua abrangência geográfica e a sua durabilidade temporal, conforme exposto, teve diferenças e mutações ao longo de sua trajetória. Como descreve Euclides da Cunha (2009, p. 120) em “Os Sertões – campanha de Canudos”:

Ao contrário do estancieiro, o fazendeiro dos sertões vive no litoral, longe dos dilatados domínios que nunca viu, às vezes. Herdaram velho vício histórico. Como os opulentos sesmeiros da colônia, usufruem, parasitariamente, as rendas das suas terras, sem divisas fixas.

Pela importância política e econômica da prática no período que abrange desde a criação da guarda nacional até meados do século XX, muitos dos principais acadêmicos brasileiros, interessados em entender a realidade do Brasil, dedicaram artigos, dissertações, teses e livros ao Coronelismo. Além dos já mencionados, pode-se destacar Sérgio Buarque de Holanda (2008) com “Raízes do Brasil”, Darcy Ribeiro (2008) com “O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil”, e Raymundo Faoro (2014) com “Os donos do poder – formação do patronato político brasileiro”. Foi com a constituição das primeiras escolas de sociologia do Brasil – que coincidiu com a expansão das cidades e sua industrialização, que, por sua vez, acelerou a decadência do Coronelismo – que os estudos sociológicos passaram a se dedicar mais a outras frentes.

Ao longo do século XX, apesar da consolidação da República e da maior importância das cidades e das indústrias na economia brasileira terem gradativamente reduzido a importância dos coronéis, em uma perspectiva tanto política quanto econômica, sua influência ainda esteve presente, como este artigo pretende demonstrar à frente, até pelo menos a segunda metade do século XX – e não é impossível que existam rincões pelo Brasil dominados e dirigidos pelos últimos coronéis até o presente.

Entre tantos textos renomados, elegemos o livro de Victor Nunes Leal (2012) para

suportar a narrativa da vida de Nelson de Paula Neto – figura política de destaque na cidade de Monte Azul, tal como será retratado oportunamente. Além da afinidade de ideias, esse autor é, assim como o biografado, originário de Minas Gerais e dedicou sua interpretação do Coronelismo às relações do fenômeno com o município. Ademais, em pesquisa realizada na plataforma Google Acadêmico em setembro de 2021, o livro de Leal é o mais citado entre as publicações voltadas ao tema, reunindo 3.561 citações. O segundo texto mais citado, escrito por José Murilo de Carvalho (1997), “Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual”, soma 823 citações, atestando, portanto, a relevância da obra de Leal aos estudos acadêmicos sobre o Coronelismo.

Ao longo do livro, Leal apresenta como o poder público e suas representações legais interagiram com as decadentes estruturas coronelistas para assegurar o poder e a governabilidade nos municípios do Brasil nas primeiras décadas da República. Como certifica o autor, “o Coronelismo é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente senhores de terra” (LEAL, 2012, p. 44). Isso ocorreu porque, com o advento da República, passou a existir um regime representativo de ampla base, sendo que a população rural – na época majoritária no país – era muito dependente economicamente dos proprietários de terra, dos coronéis. Ao se estabelecer que a nova República teria um regime federativo, para que tanto o novo governo federal quanto o estadual, ainda que com um discurso modernizante, pudessem se eleger e ter capacidade mínima de governança, fazia-se necessária uma aliança do governo com os coronéis.

Essa aliança de conveniência só iria se enfraquecer de forma gradual e descompassada, com a maturidade eleitoral, o fortalecimento dos poderes constituídos, a expansão das cidades e da industrialização, as garantias aos trabalhadores, entre outros fatores que Leal percebeu como tendências e que efetivamente ocorreram ao longo do século XX. Considerado pelo autor como decadente desde o seu surgimento, o modelo não é poupado de críticas por ele:

Não podemos negar que o Coronelismo corresponde a uma quadra da evolução política do nosso povo que deixa muito a desejar. Tivéssemos maior dose de espírito público e as coisas certamente se passariam de outra forma. Por isso, todas as medidas de moralização da vida pública nacional são indiscutivelmente úteis e merecem o aplauso de quantos anseiam pela elevação do nível político do Brasil. Mas não tenhamos demasiadas ilusões. A pobreza do povo, especialmente da população rural, e, em consequência, o seu atraso cívico e intelectual constituirão sério obstáculo às intenções mais nobres. (LEAL, 2012, p. 239-240).

Esta combinação de disputa pelo poder, transição entre modelos e formas de gestão da coisa pública e fraca atuação do poder público no âmbito dos municípios causou muita tensão e foi acompanhada por violência e sofrimento das populações rurais. Ainda que modelos mais inovadores tenham surgido para se oporem a essa situação, como a

própria concepção da cidade de Canudos, que, como demonstrado por Motta (2017), tinha uma organização eficiente do seu estado e diferente da elaborada pelo governo central (o que eventualmente acarretou sua destruição), muita violência ocorreu não apenas no confronto entre modelos, mas também dentro do próprio modelo do Coronelismo. Livros como “Herança de sangue: um faroeste brasileiro”, de Ivan Sant’anna (2012), relatam o sofrimento envolvido na luta pelo poder dos coronéis em seus municípios.

Este artigo, portanto, a partir da história de Nelson de Paula Neto, relata uma vida sob a perspectiva de sua inserção no contexto do Coronelismo do norte de Minas Gerais, buscando destacar pontos de afinidade na biografia de Nelson com os conceitos elaborados por Leal (2012). Com isso se verificará o raciocínio desse autor e se demonstrará que o Coronelismo, como fenômeno social, ainda causou impactos sociais mesmo na segunda metade do século XX.

E, afinal, por que uma pesquisa narrativa para abordar o problema proposto? O estudo de Leal (2012), assim como os demais trabalhos que abordaram o Coronelismo, investigou a superestrutura do fenômeno e seus impactos de forma abrangente sobre a sociedade; contudo, não foram explorados os dramas individuais daqueles que viveram sob o jugo dos coronéis, nem como se deu a decadência deste modelo ao longo do século XX. Neste sentido, uma pesquisa narrativa não só enriquece a discussão, como também fornece um relato que pode servir para pesquisadores e cientistas sociais interessados em melhor compreender os ocorridos e dispostos a agir e propor ações naqueles rincões do Brasil onde o modelo coronelista não se extinguiu definitivamente.

Contextualizando-se finalmente o motivo da escolha da trajetória de Nelson de Paula Neto para ilustrar o estudo do Coronelismo, faz-se pertinente retratar, nesta introdução, o local onde sua vida transcorreu, isto é, a cidade de Monte Azul, no sertão norte mineiro. De acordo com Rodrigues (2006), onde hoje é o município de Montes Claros fez parte da capitania hereditária da Bahia e, mais tarde, da sesmaria da Casa da Ponte. O lugarejo, conhecido como Tremedal, situa-se no norte de Minas Gerais, próximo à divisa com a Bahia, e integrara outros municípios até que, em 1878, foi alçado à condição de município como Boa Vista do Tremedal. Em 1923, seu nome passou a ser apenas Tremedal e, enfim, em 1938, por sugestão do Coronel Levy Souza e Silva, passou a chamar-se Monte Azul, por estar localizada numa belíssima serra com essa tonalidade azulada no pôr do sol.

Durante boa parte de sua existência, Monte Azul teve todos os atributos de uma cidade governada por coronéis e foi regida pelas características preconizadas por Leal (2012). Além do mais famoso de seus mandatários, o já mencionado Levy Souza e Silva, outros comandaram a política local, como o Coronel Donato Gonçalves Dias, o Coronel Jonathas Carlos de Oliveira, o Coronel Moacir Antunes José Silva, entre outros. Durante mais de trinta anos, o Coronel Levy governou a cidade, atuando, como assevera Leal (2012), como um “preposto” do governo estadual, que o apoiou como chefe local e que, em troca, cedeu certos recursos para que ele promovesse limitadas benfeitorias no município,

cuja população, que vivia da economia rural e possuía parca instrução, era submissa aos seus mandos e desmandos.

Esses acordos envolviam também o uso da violência quando necessário. Inúmeras disputas ocorreram entre os referidos coronéis e outros mais que disputavam o comando de Monte Azul, ao passo que a violência era utilizada para subjugar e controlar qualquer tipo de oposição dos cidadãos aos coronéis.

Uma história famosa no folclore de Monte Azul é a de Arabel de Souza Gomes, temido líder local, que não apresentava a envergadura de um coronel, mas tinha posses e capacidade de agir – inclusive com violência quando preciso. Arabel foi preso em certa ocasião, pois ele próprio se entregou a pedido de Levy de Souza e Silva. Em um enigma até hoje não resolvido pela polícia, Arabel foi transferido da delegacia para a fazenda de Francisco Teles de Menezes. Três dias depois, ao “tomar conhecimento do fato”, o coronel foi à referida fazenda e encontrou Arabel assassinado em uma cisterna, jogado de cabeça para baixo, com os olhos vazados, unhas arrancadas e castrado.

Além dessa, há muitas outras histórias sobre a violência empregada pelos coronéis de Monte Azul. O próprio célebre escritor mineiro Guimarães Rosa usou as lutas internas de Monte Azul como inspiração para as que romanceou em seus livros e que se tornaram clássicos (RODRIGUES, 2006), como “Grande Sertão Veredas” (ROSA, 2005). Infelizmente, uma das últimas dessas histórias, e não menos trágica que aquelas que a antecederam, se passou com Nelson de Paula Neto – e a mesma aura de mistério paira sobre os fatos que envolveram seu trágico fim.

Feitas estas considerações iniciais, portanto, o objetivo deste trabalho de pesquisa narrativa é analisar os impactos do confronto entre o Coronelismo (tal como descrito por Leal) de Monte Azul e Nelson, tanto no âmbito da política local, dominada pelos coronéis, como na sua estrutura familiar. Trata-se de uma relação de bi-implicação, na qual a estrutura sociopolítica interfere na agência individual e vice-versa, sem nenhuma das esferas sair desse confronto incólume, sendo idênticas ao que eram antes dos acontecimentos descritos.

2 | PROCEDIMENTOS

Este é um artigo de pesquisa narrativa, a qual, segundo Creswell (2014, p. 68), “começa com as experiências expressas nas histórias vividas e contadas pelos indivíduos”. Uma pesquisa com esse perfil se baseia, segundo o mesmo autor, no levantamento de histórias de indivíduos, que podem ser coletadas por uma variedade de instrumentos, destacando-se as entrevistas entre essas ferramentas.

Feito isso, as histórias são organizadas de acordo com uma cronologia e analisadas de diferentes maneiras, com destaque para os seus pontos decisivos, que são enfatizados pelo autor durante sua redação. Por tratar de narrativas da vida de uma pessoa ou de

um grupo pequeno de indivíduos, elas estão necessariamente inseridas em contextos específicos. No caso deste artigo, que retrata a vida de um indivíduo em particular – Nelson de Paula Neto –, trata-se de uma pesquisa narrativa de “história de vida”, que, de acordo com Denzin (1989), aborda a vida do indivíduo com ênfase em um episódio em especial, que pode estar dentro de um contexto coletivo.

Para tanto, os autores utilizaram o recurso das entrevistas, realizadas com a viúva de Nelson de Paula Neto, seus cinco filhos, com três parentes que acompanharam os acontecimentos descritos e com um amigo próximo que o conheceu e acompanhou durante sua jornada. Esta amostragem intencional foi selecionada a fim de relatar a trajetória do biografado de forma a inseri-lo nas lutas contra o Coronelismo vigente em Monte Azul e também de modo a ressaltar o drama que envolveu sua vida e a de sua família, causando impactos recorrentes até a atualidade. As dez entrevistas foram realizadas com um protocolo previamente estruturado, cuja elaboração foi baseada nas recomendações de Lakatos e Marconi (2005). O material coletado durante os depoimentos foi enriquecido com a leitura dos documentos e do arquivo pessoal de Nelson, o qual sua família colocou à disposição dos autores.

A ênfase deste artigo não é necessariamente explorar todas as nuances dos 33 anos de vida de Nelson, mas, sim, demonstrar, a partir dos conceitos do Coronelismo, tal como concebido por Leal (2012), quais foram os impactos dessa prática política na vida do biografado, como ela influenciou suas escolhas e como estas, por sua vez, trabalharam para modificar o próprio Coronelismo praticado no norte de Minas Gerais. O artigo se volta, ainda, a destacar o impacto das escolhas individuais de Nelson não só no macro ambiente político, econômico e social, mas também na trajetória de vida daqueles que foram mais diretamente influenciados – notadamente, sua família.

3 | RESULTADOS

Para realizar as entrevistas que permitiram a elaboração desta pesquisa narrativa, fez-se pertinente conhecer a região e a família de Nelson, que, além de prestar seus depoimentos, apresentou um amigo dele, também entrevistado. Cabe destacar que, durante as conversas, por diversas vezes os entrevistados demonstraram resistência a relatar determinados detalhes, como nomear protagonistas da tragédia que levou ao falecimento de Nelson de Paula Neto. Parte disso se dá em função das lembranças dolorosas, parte por muitos dos protagonistas desta tragédia norte-mineira estarem vivos e atuantes na política local, o que pode por si só constituir uma evidência de que o Coronelismo, mais decadente do que nunca, ainda tem um papel na política de Monte Azul, cidade do sertão onde se passa a maior parte desta história. Diante disso, a pedido dos entrevistados, determinados personagens desta pesquisa terão suas identidades resguardadas e serão retratados apenas pela inicial de seu nome.

Nelson de Paula Neto nasceu em 1942, sendo o filho caçula de uma tradicional família de Monte Azul. Seus pais, Aristides e Joana, tiveram oito filhos: Tida, Lia, Laurentina, Arcília, Joel, João, Lourdes e Nelson. Ainda na infância dos oito irmãos, a interferência do Coronelismo era sentida e trazia impactos em sua educação. Um caso registrado pela família dizia respeito a Totó, irmão de Aristides e delegado de polícia em Monte Azul, que foi assassinado por um dos coronéis que aterrorizavam a cidade. Esse crime, que nunca foi totalmente esclarecido, demonstra a força dos coronéis junto ao governo estadual e ao poder judiciário, estes que apoiavam os coronéis em disputas locais contanto que eles conseguissem os votos necessários para a eleição dos governantes do estado, um dos pontos característicos do Coronelismo na teoria de Leal (2012).

Para evitar futuros derramamentos de sangue, naquele momento Aristides decidiu se mudar para São Paulo com a família. Anos depois, Joana retornou para lá com os filhos, enquanto Aristides passou alguns anos mais em São Paulo. Tal evento, traumático como o foi, pode ter despertado desde tenra idade em Nelson a rebeldia e o senso de oposição às injustiças e aos mandos e desmandos dos coronéis. O que demonstra também como a família de Nelson não era subserviente e compulsoriamente alinhada com esses coronéis... A vida de Nelson confirmaria essa característica.

Nelson continuou seus estudos em Monte Azul e chegou a morar e estudar em um seminário em Belo Horizonte. Na época, era prática comum das numerosas famílias do interior enviar um de seus filhos para se tornar padre ou para ao menos cursar o seminário e ter uma educação de melhor qualidade.

Uma vez formado, Nelson ingressou em uma tradicional empresa de Monte Azul, a Sociedade Oliveira e Figueiredo, que beneficiava e processava o algodão e o preparava para que fossem produzidos os fios. A prosperidade dessa empresa, de caráter comercial e industrial, revela indícios de que Monte Azul expandia sua economia, que aos poucos ia perdendo seu caráter exclusivamente rural para ter também indústrias e serviços mais bem desenvolvidos. Esse progresso para a cidade e para a região é mais um sinal de decadência do Coronelismo, que sobrevivia em função da ignorância e da dependência econômica da população que trabalhava com a agricultura.

Talvez essa formação profissional de Nelson, mais independente e progressista em relação ao modelo coronelista, tenha fortalecido sua visão de mundo moderna para a época e que iria, em mais de uma ocasião, se chocar com os coronéis monte-azulenses. Sua formação acadêmica e seu rumo profissional podem também servir como exemplos de pontos característicos da teoria de Leal (2012) sobre o Coronelismo: esse tipo de domínio prosperava principalmente em comunidades agrícolas habitadas por pessoas de pouca educação e entrava em decadência com o surgimento e a expansão da classe média com melhor formação acadêmica e com o advento da industrialização. Dentro desse contexto, Nelson participava de eventos transformadores da realidade em que ele havia crescido e estava inserido.

Com uma agenda por demais atarefada, Nelson comprava algodão na Bahia, vendia-o processado em São Paulo e no Rio de Janeiro, e ainda administrava o escritório da empresa. Aos 24 anos, era um executivo bem-sucedido da nova economia que se construía no norte de Minas Gerais. Foi nessa época que Nelson assistiu a um concurso de beleza na cidade vizinha de Porteirinha, momento esse que iria mudar sua vida. Lá se encantou por uma das candidatas, Laura, filha de uma tradicional família monte-azulense, os Nunes Pereira e os Custódio Jorge.

Com 15 anos à época, Laura também provinha de uma família de oito irmãos e era estudante em um colégio interno de Porteirinha. Quando retornou a Monte Azul, encontrou Nelson na igreja. Ele enviou um bilhete a ela, por intermédio de seu irmão Ubaldo, perguntando se ela queria se casar com ele. Laura, encantada com aquele homem trabalhador, com quase dois metros de altura, magro e forte, mandou o irmão dizer que aceitava. À noite, Nelson foi até a casa de Laura acompanhado por Geraldo Figueiredo, proprietário da empresa na qual trabalhava. Os pais de Laura, relutantes no início pela diferença de idade e pela filha ainda estar estudando, terminaram por aceitar o casamento, que aconteceu no dia seguinte. Assim transcorria o ano de 1966 – Nelson viveria mais dez anos. A figura 1 apresenta uma imagem do casal.



Figura 1 – Foto de Nelson e Laura.

Fonte: Arquivo pessoal, [entre 1966 e 1976].

O temperamento forte, independente e moderno para a época de Nelson causava forte impressão em Laura. Suas atitudes de confronto ao Coronelismo interferiam na sua

rotina familiar, como conta Laura:

“O Coronel Levy Souza e Silva tinha um sobrinho, P. Esse sobrinho era uma ótima pessoa, mas, quando bebia, se alterava, montava em seu cavalo e saía por Monte Azul disparando tiros para o alto. Certa noite, estávamos indo para o cinema quando, à nossa frente, lá estava P., bêbado e dando tiros para o alto. As pessoas corriam desesperadas. Nelson não só não correu, como também, para meu desespero, ficou em pé encarando P. Fomos então para o cinema. Passados poucos minutos após o início do filme, Nelson disse que ia sair para comprar balas. Na verdade, ele foi atrás de P., tomou sua arma e a levou com ele. Assistiu o filme com a arma de P. na cintura. Mas ele não iria permitir que a população fosse aterrorizada ou que algo pior acontecesse enquanto ele estava se divertindo. Esse era o Nelson, destemido e corajoso como ninguém.”

Vale frisar que P. – alguém que, quando não bebia, era uma ótima pessoa – acabou assassinado em uma disputa por terras; hoje, seu filho é um dos principais políticos de Monte Azul. Essa história, apesar de não ser o foco do artigo, oferece mais uma demonstração da força do Coronelismo no norte de Minas. Por um lado, as divergências são resolvidas com o uso da violência sempre que os oponentes julgarem necessário; por outro, as tradicionais famílias dos coronéis seguem detendo papel de destaque na política de Monte Azul, ainda que a cidade tenha se modernizado. Todo esse retrato evidencia que o Coronelismo sobreviveu enfraquecido durante a segunda metade do século XX, assim sobrevivendo até os dias atuais. Além disso, exemplos como esse demonstram um dos pontos que Leal (2012) destaca no Coronelismo, isto é, o uso de violência por parte dos coronéis e demais atores sociais em seu convívio social como forma de resolução de conflitos.

Retomando-se a história particular do biografado, a família de Nelson e Laura cresceu com a chegada dos cinco filhos: Fabrícia, em 1967; Soraya, em 1969; Wanderley, em 1970; Sintya, em 1973; e Joverley, em 1976; além de um bebê que não sobreviveu ao nascimento. Com muitos filhos, como era característico das famílias da região, Nelson teve de buscar empregos melhores para fazer frente às novas despesas. Quando um dos sócios da empresa em que trabalhava se elegeu prefeito de Monte Azul – eleição essa de um empresário ligado à indústria, caracterizando mais uma ruptura com o tradicional modelo coronelista –, convidou-o a assumir a secretaria municipal da educação. Nelson aceitou e passou a se envolver ainda mais com a política da região.

Pelas atitudes, pelo trabalho e pelas alianças políticas, Nelson se posicionava cada vez mais como uma força progressista relevante na cidade. O chefe da câmara municipal, J. D., solicitou e conseguiu com que Nelson fosse transferido para assessorá-lo, pois, apesar de ser um político de destaque, ele era analfabeto. Até hoje estão preservados documentos redigidos por Nelson durante os trabalhos da câmara, como pode ser observado na figura 2.

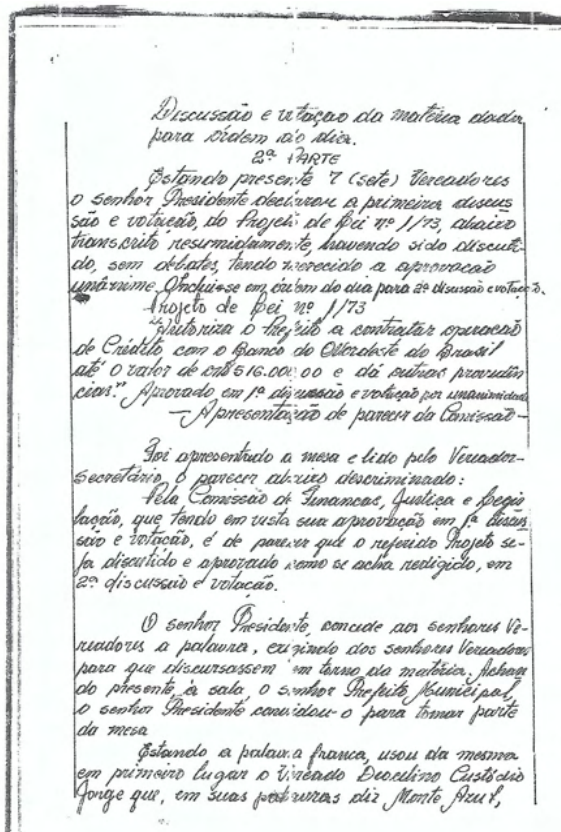


Figura 2 – Ata dos trabalhos da Câmara Municipal de Monte Azul redigida por Nelson de Paula Neto.

Fonte: Monte Azul, 1973.

As preferências políticas de Nelson, que durante toda a sua vida foram progressistas e se colocavam em oposição aos coronéis, ficaram ainda mais evidentes durante sua passagem pela prefeitura. Se é verdade que, quando solteiro, se filiou à UDN, partido que fazia oposição ao PSD na cidade (o qual abrigava os coronéis), foi nessa passagem pela prefeitura que participou da constituição de um grupo que ficou conhecido como os “Aroeiras”. A aroeira, que é uma árvore resistente, de força extrema e resistente às piores tempestades e ventanias, não por acaso foi escolhida por esse grupo para nomear seu partido. Jovens, corajosos e de reconhecidas força física e estatura moral, os Aroeiras se propunham a se unir em torno da causa do combate ao Coronelismo. Debatiam política, enfrentavam e se opunham aos desmandos, e passaram a constituir uma força política informal de respeito em Monte Azul. Além de Nelson (conhecido como Nersão), faziam parte desse grupo Chicão, Wilson, Mézio, Nilo e D., este último entrevistado para o artigo. A união política se transformou em autêntica amizade e eles chegaram a formar um time de futebol, sendo Nelson o goleiro. Pela formação e pelo desenvolvimento das atividades dos

Aroeiras, percebe-se que o domínio dos coronéis e o desafio a essa supremacia se dava em âmbito municipal, como descreve Leal (2012). O foco dos Aroeiras sempre foi o avanço e o progresso da cidade de Monte Azul e, em sua visão, isso passava pelo enfrentamento do Coronelismo dominante.

Ao terminar seu período de trabalho na prefeitura, Nelson voltou à iniciativa privada e recebeu uma proposta de emprego na Volkswagen, em São Paulo. Chegou a trabalhar na empresa, mas Laura não queria se mudar em definitivo por acreditar que São Paulo era perigosa, então ele prestou concurso para um emprego na Rural Minas. Aprovado em primeiro lugar, mudou-se com a família para Jaíba, cidade próxima a Monte Azul. Após algum tempo nessa empresa, um novo concurso o levou à Usina da Barra. Mesmo residindo em outra cidade, mantinha laços com os Aroeiras e participava com frequência das reuniões políticas em Monte Azul. Sua coragem, lendária no norte de Minas, continuou intacta, como se percebe pelo episódio da onça que sua filha Sintya relata:

“Um dia meu pai voltou do trabalho em uma caminhonete. Ele havia ido trabalhar no sertão, afastado da cidade. Logo após estacionar o carro, nos chamou para ver o que ele havia trazido. Saímos todos e dentro da caminhonete estava uma onça. Preta, uma pantera, enorme. Eles a haviam capturado e iriam levá-la para outro local de acordo com a orientação das autoridades competentes. Antes disso, porém, ele fez questão que nós, os filhos, víssemos o lindo animal.”

Como Nelson, durante seu trabalho na prefeitura, tinha parte de sua remuneração para receber, consultou J., um advogado da região, sobre como deveria proceder. A prefeitura, na época sob o controle de políticos alinhados com os coronéis, retardava ao máximo o pagamento dos valores devidos. Certo dia, como nada se resolvia, Nelson decidiu ir a Monte Azul acompanhar pessoalmente o andamento do trabalho com J. Ao chegar na cidade, foi com seu irmão Joel a um bar da região e lá se encontravam J. e um dos irmãos de Laura, Luis, em um reservado, assim como D. estava presente. O ano era 1976 e Nelson tinha 33 anos.

O real motivo do que aconteceu a seguir até hoje não foi esclarecido – e talvez nunca venha a ser. Assim como o já relatado assassinato de Arabel, as tragédias que envolvem os coronéis são abafadas pela polícia e pelos políticos, que, se não cúmplices, não demonstram o rigor da lei esperado para tratar com a situação. Alguns dos entrevistados apontam que Nelson estava impaciente e havia feito uma cobrança incisiva por resultados para J. Ainda que isso possa ter sido verdade, os atos de J. foram desproporcionais ao que poderia se esperar de uma reação a uma cobrança profissional. Outra versão, mais plausível, sugere que os coronéis, incomodados com aquele gigante de coragem sem igual, que havia anos os confrontava no campo político, fizeram algum tipo de acordo político e financeiro com J. para que ele resolvesse a situação. Por ser advogado de Nelson, ao “resolver a situação”, não estabeleceria vínculo nenhum de responsabilidade com os mandantes.

Naquele bar, ao encostar no balcão e pedir uma bebida, Nelson ficou de costas ao

reservado onde estava J., que levantou-se, aproximou-se de Nelson e atirou nele cinco vezes – pelas costas, à queima-roupa. Imediatamente J. fugiu correndo. Nelson, ferido à morte, não caiu. Joel, Luis e D. o acompanharam até o carro, onde ele se sentou. Como perdia muito sangue, decidiram levá-lo à casa de um conhecido, que morava próximo ao local. Segundo D.:

“Nelson perdia muito sangue. Era incrível que alguém que perdesse tanto sangue ainda estivesse vivo. Mas este era ele, o mais forte dos fortes. Sua única preocupação era com sua esposa e com os filhos. Pedia que não avisássemos para eles, para não os alarmar, até que ele estivesse restabelecido. Ao chegarmos na casa, um rádio tocava a música ‘Pavão Misterioso’. Como não conseguimos estancar a hemorragia decidimos levá-lo até o hospital mais próximo, que ficava na vizinha Espinosa. Quando passamos pela linha do trem, Nersão faleceu. Não chegamos ao hospital.”

O irmão de Laura, Luis, foi até Jaíba junto com o sempre amigo Geraldo Figueiredo e trouxeram a família de volta para Monte Azul. Fabrícia, com nove anos, era a filha mais velha; Soraya tinha sete; Wanderley, seis; Sintya não havia completado quatro; e Joverley tinha poucos meses de idade.

A chegada da família e o velório de Nelson mobilizaram toda a cidade. Não houve um morador sequer que não esteve presente para se despedir daquele jovem de tantas realizações. Como descreve Soraya:

“Não consigo lembrar de nada relacionado ao meu pai. Em função da tragédia, bloqueei tudo da minha memória. Porém me lembro do velório. O caixão estava na sala da casa da minha avó Joana. A casa lotada, a rua lotada, de amigos e familiares, todos indignados com o ocorrido. Aquela situação toda me assustou demais, não consegui me aproximar do caixão para me despedir do meu pai.”

As consequências familiares marcaram as vidas de todos. Os filhos cresceram sem um pai presente ao seu lado, um pai com a força que tinha Nelson. Sem os rendimentos de seu trabalho, a família, que tinha um excelente padrão de vida para a época e a região, passou por dificuldades e pôde se restabelecer com dignidade pelo apoio de familiares e também por Laura, que, mesmo tendo ficado viúva aos 26 anos e nunca mais se casado, começou a trabalhar como professora, profissão que conciliou com a criação dos cinco filhos até se aposentar. Além disso, a preocupação em não criar os filhos em um ambiente onde eles pudessem ser estimulados a retribuir violência com violência e perpetuar essa guerra com o Coronelismo fez com que a família se mudasse para Montes Claros, a 300 quilômetros de Monte Azul.

Por todo o trauma que passaram, nenhum deles foi incentivado ou demonstrou interesse pela política. Com exceção de Sintya, que vive em São Paulo, todos têm suas famílias e seus negócios próprios na cidade de Montes Claros. Passaram a integrar a classe média urbana, que se desenvolveu ao longo do século XX no sertão norte-mineiro, tal como seu pai também o fez durante a sua vida. E foi essa classe média, segundo Leal (2012),

que, com mais cultura e poder aquisitivo, veio a tomar o poder por vias democráticas e substituir o modelo coronelista. Essa tomada de poder não se deu de uma vez só, em uma eleição apenas, mas, sim, foi um processo de décadas, com avanços e retrocessos em seu retrospecto, como é evidente pela tragédia que ocorreu com Nelson.

J., que fugiu para escapar ao flagrante, se apresentou à polícia. Julgado e condenado por sete votos a favor e zero contra a condenação, escapou duas vezes mais do presídio; na segunda vez, não foi mais recapturado. Com a prescrição do crime, retornou a Monte Azul e lá vive até hoje. Suas repetidas fugas, se não são provas conclusivas, podem se constituir em provas que o Coronelismo local pressionou o poder estadual e policial – característica essa apontada por Leal (2012) como essencial para a sobrevivência do modelo: a troca de favores dos coronéis com o governo estadual – a não insistir demais na resolução do caso e na punição do responsável, pois outras pessoas ainda mais poderosas poderiam estar envolvidas.

Paradoxalmente, o golpe com que o Coronelismo esperava derrubar seus opositores, personificados na figura de Nelson, se voltou contra os próprios coronéis. A oposição popular e o repúdio que o crime causou, se não encerraram os dias do Coronelismo na cidade, geraram grande apoio aos movimentos que se opunham aos coronéis, que nunca mais tiveram o mesmo comando sobre os monte-azulenses. Esse movimento popular, espontâneo e inflamado pela revolta causada pela violência extrema dos coronéis, se somado aos movimentos econômicos e sociais pelos quais o Brasil e o norte de Minas passaram nas décadas subsequentes, tratou-se de um marco e de um capítulo essencial para a chegada de um regime democrático e com certo grau de maturidade na região.

4 | CONCLUSÃO

Histórias podem contribuir para discussões sobre a estrutura histórico-social com dados e pontos de vista. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi analisar os impactos do confronto entre o Coronelismo de Monte Azul e Nelson, tanto no âmbito da política local, dominada pelos coronéis, como na sua estrutura familiar.

A partir da história de Nelson de Paula Neto, encontram-se elementos que definem o Coronelismo, tais quais verificados por Leal (2012), como, por exemplo, seu caráter de fonte de poder municipal, que servia de sustentação para os governos estaduais, a necessidade para a preservação da falta de cultura e de recursos da classe mais humilde (dedicada principalmente à produção rural), o uso frequente da violência para se resolver disputas de poder, assim como a consistente decadência do modelo ao longo do século XX em função da industrialização, do surgimento da classe média e da maior cultura e do acesso à informação da população.

O que a história de Nelson retrata é o drama humano que envolveu essa superestrutura concebida por Leal. Ao focar um personagem real, que cresceu, viveu,

se opôs e, enfim, foi destruído pelo Coronelismo agonizante, o artigo se propõe a não apenas resgatar a história de um protagonista nesse combate pelo progresso do Brasil em seus rincões mais atrasados, mas também a demonstrar o impacto dessas forças nas vidas de quem estava lá. Afinal, a sociedade exerce influência sobre os atores sociais, mas a atuação deles impacta, de alguma forma, os rumos do processo social – e, por isso, o debate acadêmico pode estar mais atento às trajetórias de vida.

Cabe constatar que, ainda que o livro original de Leal tenha sido escrito na primeira metade do século passado (na década de 1940), por esta história ter ocorrido na segunda metade do século XX e seus desdobramentos chegarem aos dias presentes, é clara a força do modelo de poder coronelista que, apesar de todas as transformações ocorridas na sociedade e na economia brasileira, segue encontrando espaço para existir nas regiões mais afastadas dos grandes centros, mesmo quando fazem parte de estados prósperos, como Minas Gerais.

Uma limitação de um estudo com essas características é que a história de vida pesquisada pode não necessariamente refletir a realidade do restante da população. Desta forma, para validar esta interpretação do papel do Coronelismo nas últimas décadas do século XX e do início do século XXI, fazem-se necessárias demais pesquisas narrativas, somadas a outras formas de estudo, qualitativas e também quantitativas, nas quais, por meio de ferramentas de pesquisa e bases de dados mais amplas, se possa apurar a dimensão ao longo do tempo e do atual Coronelismo, onde e como ele se encerrou, e onde ele ainda efetivamente ocorre no Brasil.

Futuras pesquisas podem demonstrar quais os impactos que essa prática acarretou à população a partir da segunda metade do século XX e o que segue acarretando à vida pública e privada brasileira. Apesar de não ser uma temática que figure entre as mais prestigiadas na academia nos dias de hoje, sua atualidade e relevância não podem ser descartadas. Há muito que se estudar para que se tenha a completa e real dimensão do fenômeno, assim como os acadêmicos e políticos do presente podem ser beneficiados com estes estudos para estabelecerem propostas e planos para encerrar definitivamente o Coronelismo onde ele ainda tenha algum tipo de influência.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual.

Dados, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997. DOI: 10.1590/S0011-52581997000200003.

CRESWELL, John. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. Escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Pensa, 2014.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões** – campanha de Canudos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

DENZIN, Norman K. **Interpretive biography**. Newbury Park: Sage, 1989.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder** – formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Global, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras: 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto** – o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MONTE AZUL (MG). Discussão e votação da matéria dada para ordem do dia [ata de trabalhos]. **Câmara Municipal de Monte Azul**, Monte Azul, 1973.

MOTTA, Rodrigo Guimarães. Antônio Conselheiro e João Abade: a teoria do estado e Canudos. **Revista Sodebras**, [s. l.]. v. 12, n. 133. p. 18-23, jan. 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro** – a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RODRIGUES, Catarina da Conceição. **Trilhas de Riobaldo**: fricções identitárias entre o real e o imaginário. 113 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão veredas**. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

SANT'ANNA, Ivan. **Herança de sangue**: um faroeste brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abolicionismo 35

Alcides Cruz 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115

América Latina 11, 12, 13, 14, 19, 20, 22, 25, 46, 47, 48, 49, 51, 55, 57

Análise de Redes Sociais 92

Arte Cemiterial 1, 4, 5, 6, 8

Artista Xamã 74, 82

C

Castro Alves 116, 117, 118, 119, 120, 122, 127, 128

Cidade de Bauru 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10

Cidades 2, 4, 5, 8, 10, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 43, 60, 61, 113

Compadrio 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

CONTUA 11, 12, 13, 14, 18, 20, 21

Coronelismo 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

COVID-19 2, 6, 74, 75, 76, 77, 79, 82

Crítica pós-colonial 116

D

Direito urbanístico 105, 115

E

Escravidão 38, 40, 42, 43, 44, 92, 104, 118, 119, 120, 121, 122

Espaço urbano 9, 22, 33, 34, 113

F

FASUBRA 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

G

Geografia religiosa 22

Golpe de 1964 46, 47

H

Hierarquias sociais 92

História 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 22, 23, 24, 26, 34, 35, 40, 45, 49, 56, 57, 62, 63, 64, 67, 71, 72, 74, 77, 78, 79, 81, 87, 89, 90, 91, 92, 104, 105, 106, 114, 115, 117, 123, 126, 127, 129

História do direito 105, 106, 114, 115

Historiografia 74, 77, 80, 90, 97

I

Imperialismo 46, 47, 52, 55, 56

Intervenção 13, 16, 26, 49, 105, 106, 107, 109, 112, 113, 114

M

Maçonaria 35, 36, 37, 40, 41, 43, 44, 45

Monte Azul 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73

N

Narrativa 43, 52, 59, 61, 62, 63, 64, 74, 78, 80, 81, 89

Neogolpe de 2016 46, 47, 50, 55

P

Patrimônio cultural 1, 2, 3, 9, 10

Pesquisa narrativa 59, 62, 63, 64

Poesia 116, 117, 118, 119, 122, 123, 124, 127, 128

Polícia 43, 63, 65, 69, 71, 105, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115

R

Republicanismo 35

Resistência 12, 18, 38, 50, 64, 87, 114, 116, 117, 119, 123, 124, 127, 128

S

Sindicatos 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20

Slam 116, 117, 118, 122, 123, 124, 127, 128

T

Trabalhadores 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 37, 38, 43, 44, 55, 61

Trajetória 9, 35, 48, 60, 62, 64, 85

Turismo 22, 28, 29, 30, 34

U

Universidades 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21

V



Vilas 22, 27

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br






Ano 2021

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

2



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021